

# codice



presidente do conselho de administração  
JOSÉ LUÍS C. ALMEIDA MOTA

director  
ISABEL SANTIAGO

coordenação editorial  
RITA SEABRA

colaboraram neste número  
CRISTINA WEBER,  
ESTELA VIEGAS,  
GONÇALO NUNES RODRIGUES,  
ISABEL VARÃO,  
JOÃO CONFRARIA,  
LUIZ GUILHERME G. MACHADO,  
LUÍS OLIVEIRA,  
TERESA TEIXEIRA

direcção gráfica  
LUÍS SOARES, PAULO FRÓIS

ilustração  
CÉSAR DUARTE

paginação  
DUPLADESIGN, LDA

fotografia  
CLAÚDIA JORGE FERREIRA  
JOSÉ MANUEL LOPES  
MADALENA ALEIXO  
MARGARIDA FILIPE  
PEDRO INÁCIO  
ACERVO ICONOGRÁFICO DA FPC

pré-impressão, impressão e acabamento  
TEXTYPE, ARTES GRÁFICAS, LDA  
Estrada de Benfico, 212 A, 1500-094 Lisboa

sede de redacção  
Rua D. Luís I, 22, 1200-151 Lisboa, 213 935 000

propriedade  
FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES  
Rua D. Luís I, 22, 1200-151 Lisboa  
NIPC: 504 166 255

editor  
FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES,  
DIRECÇÃO DE COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

depósito legal  
125 540/98

issn  
0874-2901

tiragem  
750 EXEMPLARES

uma publicação registada sob o número 122 468

capo e verso da contra-capa: Ilustrações de César Duarte

www.fpc.pt



4 O planeta inteligente  
Estela Viegas/Gonçalo Nunes Rodrigues



10 Serviço universal  
João Confraria/Luís Oliveira



30 A Escola de Correios e Telégrafos: apontamentos  
Isabel Varão



36 A criação dos correios marítimos para o Brasil  
em 1798  
Luiz Guilherme G. Machado



54 Do museu ao bairro, histórias de viajantes  
Cristina Weber



68 O acesso à informação e os novos desafios  
digitais na Fundação Portuguesa  
das Comunicações  
Teresa Teixeira

# Do museu ao bairro, histórias de viajantes

*Agua-deiros do chafariz da Esperança, 1907, Joshua Benoliel, Arquivo Municipal de Lisboa/Núcleo Fotográfico.*

## A tradição dos museus de história e técnica e as novas tecnologias

O Museu da Fundação Portuguesa das Comunicações prossegue com a tradição do seu «antepassado» Museu dos CTT, apresentando ao público um espaço de divulgação da história das Comunicações, através da exibição dos objectos e documentos que fizeram parte do quotidiano das primeiras entidades operadoras de comunicações em Portugal, nomeadamente, Administração Geral dos Correios e Telégrafos, ICP, ANACOM e as empresas CTT, APT, CPRM, TLP, TDT, TMN e PT. Mas, o Museu das Comunicações apresenta duas diferenças substanciais relativamente àquela instituição: por um lado, por efeito das alterações estatutárias das empresas do sector de comunicações, constituiu-se, com um objecto mais lato, num museu de fundação, e, por outro lado, por efeito da transformação do conceito de património, entretanto assimilada pelos normativos nacionais e internacionais, viu alargada a sua missão.

Hoje o museu tem como missão não só guardar, conservar, investigar e divulgar o património histórico, mas também apresentar as novas tecnologias do sector. Para tal tem vindo a desenvolver diferentes projectos expositivos dedicados a essa matéria: a Casa do Futuro, a Escola do Futuro e a FPC Future Labs-Experiências Visuais do Futuro, actualmente designada FPC-Future Labs 2.0

Estas exposições representaram uma viragem na tradicional forma de apresentação da história das comunicações, ao exporem as mais modernas tecnologias das comunicações no espaço do museu.

Estes projectos resultaram de uma estreita colaboração entre a Fundação Portuguesa das Comunicações e diferentes parceiros, cujo aspecto importante é a convergência de interesses na promoção das novas tecnologias, não numa lógica de concorrência mas sim de complementaridade de soluções. As exposições dedicadas às novas tecnologias,

integradas num museu de tradição clássica, são explicadas pelo facto da Fundação Portuguesa das Comunicações, em que se integra o Museu das Comunicações, ser constituída, por um lado, por empresas em actividade no domínio da prestação de serviços de comunicações, num sector liberalizado e em regime de livre concorrência, e por outro lado, pela instituição nacional responsável pela tutela do sector.

A necessidade de os operadotes de comunicações corresponderem à procura dos consumidores impôs um ritmo e uma responsabilidade de adesão às soluções tecnologicamente mais vanguardistas, sob pena de perderem o mercado.

## A modificação do conceito de museu e o alargamento da sua missão

O professor Mário Moutinho<sup>1</sup>, docente do Doutoramento em Museologia e reitor da da universidade Lusófona, ensina que o museu distante e elitista deu lugar ao museu consciente da relação orgânica com o seu contexto cultural.

A professora Judite Primo<sup>2</sup>, também da Universidade Lusófona, contribui para o entendimento desta mutação quando afirma que «...A metodologia da educação patrimonial, baseada no diálogo, na indagação activa e na experimentação, visa facilitar a aprendizagem mútua que se desencadeia por meio das memórias e experiências compartilhadas, da herança patrimonial e do próprio património colectivo, facilitando a relação do indivíduo com o grupo e com o meio ambiente...para o museólogo responsável pela acção educativa e cultural dos museus, o exercício profissional ... passa pela preocupação social de suas propostas, pela busca de um diálogo cada vez maior com diversos sectores da sociedade, pela actualidade de suas acções, e pelo aprimoramento e reflexão continuos de suas actividades educativas...»

*Varinas à porta do mercado 24 de Julho, 1909, Joshua Benoliel, Arquivo Municipal de Lisboa/Núcleo Fotográfico.*

Assim, ao Museu dos CTT - espaço privilegiado de exibição dos objectos ligados à História das Comunicações - sucedeu o Museu das Comunicações que, a par daquele objectivo, prossegue agora desafios mais abrangentes, entre os quais servir o interesse público, sobretudo através da contribuição para o desenvolvimento sócio-cultural dos seus visitantes, entre os quais a comunidade local.

### **A génese do projecto: O Dia Internacional dos Museus e o tema Museus e Turismo**

«Do Museu ao Bairro, Histórias de Viajantes» surgiu do desafio lançado pelo Instituto dos Museus e da Conservação aos museus integrados na Rede Portuguesa de Museus para a comemoração do Dia Internacional dos Museus de acordo com o tema proposto pelo ICOM para o ano de 2009: «Museus e Turismo». Trabalhar o conceito de turismo surgiu, então, associado a um público residual do Museu - a comunidade local - que constitui o «coração» do projecto.

Este projecto foi muito importante para o Museu das Comunicações, instituição ainda jovem na zona, que procura o estreitamento de relações com os seus vizinhos, enquanto agente de regeneração urbana, de mudança e desenvolvimento social. E a sua concretização abriu um caminho para acções futuras.

A proposta do Museu das Comunicações foi trabalhar as memórias da comunidade através da partilha das experiências que envolvessem a ideia de «viagem turística», proporcionando o espaço necessário para a viagem metafórica da própria vida dos habitantes do bairro da Madragoa.

Outro aspecto fundamental na construção do conceito da exposição, para além dos habitantes, foi o território da Madragoa, com um potencial atractivo para o objectivo a que nos propusemos: a experiência turística num bairro lisboeta com fortes ligações à história da capital.

Finalmente, nota distintiva neste projecto, a par do protagonismo da memória comunitária e do atractivo turístico do território, foi o trabalho em rede ou parceria, que envolveu, para além do Museu das Comunicações e dos habitantes do bairro, várias entidades que partilham o mesmo território: a Câmara Municipal de Lisboa - Unidade de Projecto da Madragoa, a ETIC - Escola de Tecnologias de Imagem e Comunicação, a Junta de Freguesia de Santos-o-Velho, o Museu da Água da EPAL, o Museu da Marioneta, o Centro de InterCulturaCidade, o Teatro «A Barraca» e a Associação Etnia, no âmbito do Projecto «Madragoa» desenvolvido pela Comissão Social de Freguesia de Santos-o-Velho.

O Museu das Comunicações, ao propor a realização do evento na sua tríplice valência - exposição, documentário e visitas guiadas ao bairro - no âmbito da Comissão Social de Freguesia, optou por trabalhar institucionalmente como voluntário social segundo o modelo de parceria. Só assim foi possível o envolvimento da comunidade e a construção e promoção de valores de pertença colectiva alimentados pela diversidade cultural e pela participação cívica activa.

No início do percurso expositivo um texto de parede explicava: «A valorização turística do bairro apresenta uma dimensão mais abrangente uma vez que é a própria comunidade que desenha o conceito de turismo, representado na dimensão simbólica e imaterial dos objectos que aqui são partilhados.

Através dos testemunhos orais, as pessoas dão a conhecer o património histórico do bairro da Madragoa, promovendo-se assim a reflexão sobre a sua actualidade e desenvolvimento turístico sustentável.

Viajar nas ruas do bairro quinhentista da Madragoa é reconhecer, na cidade, o tempo que lhe deu vida, o espaço que lhe deu forma e as gentes que o eternizam. Das varinas e seus pregões, dos conventos e palácios, aos fados de um passado, numa moldura de casario colorido e luminoso que sobre o rio espreita...



✓ *Varinas aguardando a chegada do peixe no Cais do Sodré, 1905, Arquivo Municipal de Lisboa/Núcleo Fotográfico.*

✎ *Exposição “Do Museu ao Bairro: Histórias de Viajantes”, 2009, Arquivo Iconográfico da Fundação Portuguesa das Comunicações.*

O envolvimento com a comunidade local e a preocupação com a sustentabilidade económica—do projecto e do próprio bairro—constituem os pilares desta Programação, implementada segundo uma lógica de parcerias entre diferentes instituições, que têm um objectivo comum: a valorização da Madragoa enquanto território/espaço de interesse cultural e turístico.»

## A exposição na tríplice vertente

Esta exposição, conforme escreveu Liliana Pina, colaboradora do Museu das Comunicações<sup>3</sup>, «... conjugou três dimensões de análise que se materializaram em discursos complementares:

- 1 O enquadramento geográfico, histórico e social do Bairro da Madragoa.
- 2 Os objectos dos moradores do Bairro da Madragoa, enquanto testemunhos materiais da sua viagem. A designação dos objectos foi atribuída por cada um dos proprietários, de acordo com os critérios de subjectividade das histórias que nos eram contadas, com a intenção de partilhar o objecto/memória e salientar a sua singularidade.
- 3 O documentário representativo da dimensão imaterial dos objectos, e das memórias latentes na



escolha do mesmo, invocando o imaginário individual e colectivo do Bairro da Madragoa...»

A conjugação destas várias componentes foram apresentadas, com sucesso, num espaço concebido por Rui Órfão, arquitecto da Fundação Portuguesa das Comunicações.

Os conteúdos da exposição, bem como os suportes de divulgação do conjunto do projecto—exposições, visitas e edição—beneficiaram da experiência e entusiasmo da equipa da Direcção de Comunicação e Relações Públicas da Fundação, Isabel Santiago, Ana Ferreira e Rita Monteiro.

## O território

Esta exposição trabalhou especialmente o aspecto do território onde se insere o Museu, contribuindo para o desenvolvimento de elos entre um bairro com história centenária e um museu com pouco mais do que uma década. No espaço expositivo destacou a origem etimológica da palavra Madragoa e teceu uma panorâmica da sua evolução e dos seus habitantes, num painel com o seguinte texto:

### «O Bairro da Madragoa

O Bairro popular e histórico—Madragoa—conta-nos histórias ricas em simbolismo que caracteriza o quotidiano

*Exposição "Do Museu ao Bairro: Histórias de Viajantes", 2009, Arquivo Iconográfico da Fundação Portuguesa das Comunicações.*

*Moradora do bairro da Madragoa, 2009, fotografia de Cláudia Jorge Freire.*

das suas gentes. O território designado como «Área histórica a preservar» integra parte da Freguesia de Santos-o-Velho, estendendo-se a Sul para o rio Tejo e no sentido Norte para a Rua da Lapa.

Conhecer o Bairro da Madragoa implica experienciar os Fados, as Marchas, o Teatro, os Pregões das Varinas e ainda conhecer os guias e roteiros da cidade – uma panóplia de reflexos, imagens, sentimentos, expres-

sões e emoções, testemunhos das vivências e dos valores das várias gerações de pessoas que consolidam a identidade do Bairro.

«Mocambo» surge como a primeira designação do Bairro, referência que remonta a documentos oficiais do século XVI. A denominação Madragoa aparece documentada desde o século XVIII, momento a partir do qual ambas as designações coexistem, mantendo-se até ao século XIX.

A primeira referência ao espaço que hoje corresponde ao território da Madragoa data do século IV, remetendo-nos para a edificação de um templo paleocristão (no local onde se situa a Igreja de Santos-o-Velho).

No século XVI, verifica-se um crescimento social e comercial com o instalação (ou instituição) do Paço Real de Santos, e (constituição) da Paróquia de Santos-o-Velho, desenvolvimento que se mantém



durante o século posterior com o estabelecimento de casas comerciais e artesanais dedicadas ao fabrico do pão, tanoaria, ferraria e unidades proto-industriais que produziam vidro, sabão cal e cerâmica.

Após o terramoto de 1755, é implementado o Plano Pom-balino da Lapa/Madragoa, fazendo o preenchimento dos quarteirões agora de maiores dimensões.

Desde o século XIX, que a construção do aterro e a

abertura da Avenida D. Carlos I, abrem o Bairro às demais gentes da cidade de Lisboa, tornando-o num local privilegiado onde as suas tradições e costumes convivem harmoniosamente com a inovação do presente.

### As gentes

A partir da segunda metade do século XVI, verifica-se um grande desenvolvimento urbano no Bairro da Madragoa. Na base deste crescimento esteve D. Manuel I com o estabelecimento do Paço Real de Santos no Convento das Comendadeiras de Santos (actual embaixada de França). Este facto veio a cativar várias ordens religiosas, que por sua vez promoveram a construção de conventos, e a atrair famílias abastadas, provenientes da nobreza e burguesia, resultando num aumento demográfico e numa alteração do tecido urbano com o

surgimento de palácios e casas apalaçadas.

Contudo, o vertiginoso aumento de população neste bairro só se verificou em finais do século XIX, acompanhando o crescimento demográfico da cidade de Lisboa, que essencialmente se deu por motivos migratórios de pessoas oriundas das regiões Centro e Norte do País. No caso da Madragoa, a proximidade com o rio atraiu indivíduos ligados às actividades marítimas, sendo sobretudo provenientes da região de Aveiro, em específico de Murtoza, Ílhavo e Ovar (daí o nome ovarina, que mais tarde evoluiu para varina).

A maioria destas pessoas, casais de pescadores e varinas, optaram por ficar neste bairro e era habitual ouvir as mulheres a apregoarem o peixe de canastra à cabeça.

Ao Bairro Madragoa desde sempre estiveram ligadas figuras ilustres da nossa História. Desde os reis D. Manuel I e D. João V, passando por muitas outras personalidades como Gago Coutinho, Joly Braga Santos, Mouzinho de Albuquerque, Pinto de Magalhães, Padre Rabecão, Maria Severa Honofriana, Manuel Guitarreiro, Fernanda Baptista, Amália Rodrigues, Maria da Fé, Raúl Solnado, entre outros.

Actualmente, o bairro é vivido pela população residente, que divide o seu tempo entre uma ida à padaria, ao alfaiate, ao sapateiro e à vetusta taberna; por aqueles que aí desenvolvem a sua actividade profissional; pelos estudantes e pelos que chegam para apreciar a



beleza e tranquilidade deste bairro deslumbrante...»

Para complementar, destacaram-se alguns relatos de viajantes estrangeiros sobre a Madragoa: O de William Beckford, em 1787, segundo o qual: «...Depois do jantar saímos a fazer visitas. Nunca vi tão cruéis altos e baixos, tão íngremes subidas e tão declives ladeiras, como a gente encontra a cada passo quando anda por Lisboa. Mais de cinquenta vezes me julguei prestes a cair ao Tejo, ou a ser precipitado em covões de areia, entre sapatos velhos,

gatos mortos e bruxas pretas, que se escondem nessas cavernas e covis, para aí lerem as sinas e venderem feitiços contra as febres...»; ou o de John Hobhouse, em 1809, para quem «...Os portugueses de condição elevada [...] mandam buscar água. Toda a água que se bebe em Lisboa é comprada a aguadeiros, naturais da Galiza, acima de tudo muito fortes, que têm uma espécie de alvará oficial. Toda a gente é obrigada a ter à noite no quarto um barril cheio de água para apagar os incêndios da cidade. Os aguadeiros fazem fortuna, regressam ao seu país e compram um terreno...»

Colaboraram na produção dos conteúdos, sobre o território e as gentes, as historiadoras Sofia Tempero e Bárbara Bruno, por parte das instituições parceiras, respectivamente, Unidade de Projecto da Madragoa (CML) e Museu da Água da EPAL, atenta a sua experiência nesta matéria. A primeira, técnica da Câmara Municipal de



Lisboa, com trabalho de campo sobre a valorização do património, tem desenvolvido, desde há alguns anos, acções educativas junto dos moradores em articulação com a Junta de Freguesia. A segunda, técnica do Serviço Educativo do referido Museu, representa a instituição titular do iconográfico chafariz da Esperança e divulga, habitualmente, o património não só artístico como sócio-cultural ligado àquele monumento.

### Os objectos

A exposição constituída pelos objectos cedidos pelos moradores foi possível graças ao desafio proposto à população, através de um convite que declarava «O Museu das Comunicações, enquanto membro da comissão social da Junta de freguesia de Santos-o-Velho, vem convidar a comunidade a celebrar, no próximo dia 18 de Maio de 2009, o Dia Internacional dos Museus, que este ano se dedica ao tema «Os Museus e o Turismo». Queremos em conjunto com os moradores do bairro da Madragoa contar a história das suas viagens inesquecíveis. O Museu tem objectos que nos contam o passado e o presente dos correios e das telecomunicações. E as pessoas do Bairro também têm a sua história para partilhar no Museu. Faça parte dessa História! Colabore e escolha um objecto pessoal, uma carta, um postal, uma fotografia, que nos conte a história da sua viagem inesquecível! E, juntos, vamos fazer uma exposição intitulada «Entre o museu e o bairro da Madragoa: histórias de turistas». A exposição irá



estar patente ao público a partir do dia 18 de Maio até ao dia 31 de Julho, de segunda a sexta-feira, entre as 10:00 e as 18:00, e aos sábados entre as 14:00 às 18:00. A entrada será gratuita. No dia da inauguração, vamos ver a exposição e um filme sobre a sua construção. Depois vamos visitar o bairro e descobrir as suas curiosidades e tradições. Empreste os seus objectos e conte as suas histórias junto do Museu das Comunicações e da Junta de Freguesia. Para mais informações, contacte o nº gratuito do Museu 800 215 216. Contamos consigo!

Venha assistir à apresentação do Projecto, no dia 20 de Fevereiro, na Junta de Freguesia de Santos-o-Velho.»

Os objectos exibidos eram tão variados como uma colecção de bonecas trajadas segundo a tradição de cada país ou um chapéu de fibras vegetais brasileiro. O elemento comum a todos foi, unicamente, constituírem o relato de uma viagem dos moradores do bairro, uma pequena amostra da experiência turística das gentes da Madragoa. Não se procurou qualquer outra representação senão reunir as memórias de muitos e, sobretudo, agrupar as pessoas em torno de um evento que as unisse – entre si e – ao museu.

Esta recolha, inventariação e produção de legendas foi apoiada, entre outros, por técnicos da Junta de Freguesia de Santos o Velho, Mónica Dias, Mónica Malvar e Celso Antão, interlocutores privilegiados com os habitantes do Bairro.

↳ *Moradora do bairro da Madragoa, 2009, fotografia de Cláudia Jorge Freire.*

↳ *Visita guiada no bairro da Madragoa, 2009, fotografias de Margarida Filipe.*

### O documentário

Atendendo à limitação conceptual deste «ajuntamento» de relatos de viagem, investiu-se desde o início na realização de um documentário dedicado às viagens das gentes da Madragoa, cujo relato, pelas próprias, combinaria a experiência turística com a viagem simbólica da sua vida.

Este documento multimédia teve o mérito de registar os testemunhos para além do momento da exposição, personalizar as diferentes experiências, constituindo uma memória viva para além dos simples objectos temporariamente expostos.

Este documentário, acompanhado com muito carinho e expectativa pelos parceiros da Junta de Freguesia e da Unidade de Projecto da Madragoa (CML), foi possível graças à associação de uma instituição de ensino vocacionada para os multimédia, a ETIC, através da professora Dora Nobre e os alunos Michael Rocha e Alexandre Matias.

O então director, José Augusto Pinto, descreveu a sua perspectiva da intervenção da escola: «...A viagem é algo que nos é querido e próximo. Sempre fomos origem e destino de viagens de povos e pessoas. E o Bairro da Madragoa talvez encarne esta transumância de forma única. Quer a viagem tenha tido origem na província, em meados do sec. XX, ou num país distante, nos nossos dias, o bairro é ponto de chegada, cheio de memórias e imagens que este documentário vai fixar. Gente local, gente ilustre, nova e velha, vai falar da viagem que



os trouxe até ao bairro e as histórias que este alberga, e que agora vamos resgatar do esquecimento. O documentário é ele próprio uma viagem ao encontro do património que vai ficar sob a forma do espaço e seus edifícios, e de outro mais transitório, sob a forma dos objectos destas pessoas e respectivas histórias, que vamos assim preservar e inspirar novas viagens a começar hoje.»

Dora e os alunos, por sua vez, caracterizaram o seu trabalho como um «...documentário que nos leva a vários locais e épocas através de histórias de vida, da

juventude e das viagens. Testemunhos de viajantes e moradores para quem a Madragoa foi, é e será, apesar das viagens e das vivências, o centro das suas vidas. O que une todas estas pessoas? Um amor e um orgulho – o bairro.»

### As visitas ao bairro

Desde Maio de 2009 até ao momento, contamos com dois ciclos de visitas guiadas «Do Museu ao Bairro». Estas visitas decorreram todos os últimos sábados de cada mês, interrompidas durante o período de clima mais rigoroso (de Dezembro de 2009 a Fevereiro de 2010 e no mesmo período de 2010 e 2011). As visitas guiadas foram asseguradas, alternadamente e em função da disponibilidade de cada instituição, pelo Museu das Comunicações (Conceição Norberto), pelo Museu da Água da EPAL (Bárbara Bruno), pelo Museu da Marioneta (Joana Saldanha) e

*Chafariz da Esperança, 2009.*

*Marcha popular do bairro da Madragoa, 2009.*

pela Unidade de Projecto da Madragoa, sempre com a animação de elementos da Junta de Freguesia de Santos-o-Velho e de moradores do bairro.

O Museu das Comunicações, para além de orientar algumas destas visitas, assumiu a agenda de marcações e funcionou como local de partida, independentemente do parceiro responsável.

Aí, antes da partida à descoberta do bairro, os participantes inscritos tomavam contacto com o projecto, através do documentário que se projectava em cada dia de visita.

Conceição Norberto, colaboradora do Museu das Comunicações neste projecto, realizou várias visitas orientadas ao bairro. O percurso variou sempre, de acordo com o princípio estabelecido, com a finalidade de permitir ao visitante repetir a experiência e encontrar sempre alguma novidade.

Estas visitas, orientadas por diferentes pessoas, permitiram valorizar a programação, atendendo à formação e experiência diversa, potenciando uma diversidade de abordagens e itinerários e a interacção personalizada e sempre diferente com o público.

As visitas encerraram sempre com um mimo – pão-de-ló e água fresca – oferecido pela Junta de Freguesia, proporcionando sempre bons momentos de camaradagem entre os visitantes e os moradores do bairro.

As performances de rua, através da recriação de personagens emblemáticas da Madragoa – pescador, aguadeiro, Gago Coutinho, entre outros – por parte de Celso Antão (Junta de Freguesia) ou de outro parceiro (Museu da Água da EPAL) – encorajaram os habitantes a participar, soltando os típicos pregões, sobretudo, as antigas «varinas» – D. Ana Rosa Martins, D. Maria Celeste Santos, D. Laurinda Fidalgo, D. Rosa Reinaldo, D. Manuela Abreu, D. Carla Peres, D. Maria Odete Xabregas, D. Maria Alice Rebelo, D. Preciosa Pinho e D. Maria do Nascimento Salgado, ou a cantar o fado, D. Julieta Reis.

### **A exposição de fotografia «Um Percurso, Quatro Olhares»**

No âmbito da programação de 2009, foi realizada uma exposição de fotografias cujo tema foi a visita ao bairro, no dia em que se comemorou o Dia Internacional dos Museus e inaugurou o projecto.

Esta exposição teve a participação de Cláudia Freire (IMC/RPM), José Manuel Lopes (morador do bairro), Margarida Filipe (Museu da Água da EPAL) e Pedro Inácio (Museu da Água da EPAL) quatro fotógrafos, entusiastas da Madragoa e das suas gentes, que fixaram, através da sua câmara, as imagens cuja intenção foi sempre partilhar.

O bairro, as ruas, as fachadas, os monumentos, as pessoas, o comércio, as crianças, os ensaios da marcha popular, foram alguns dos temas ilustrados pelo olhar dos vários fotógrafos.

Na sessão inaugural, em Setembro desse ano, os fotógrafos generosamente permitiram a oferta das fotografias aos moradores, contribuindo para animar o encontro no Museu, reviver a experiência daquele dia de Primavera e cimentar as relações de afecto e partilha que presidem constantemente às visitas ao Bairro.

### **O lançamento da publicação Do Museu ao Bairro, histórias de viajantes**

A Fundação Portuguesa das Comunicações aproveitou as comemorações das Jornadas Europeias do Património, promovidas pelo Conselho da Europa e pela União Europeia, em Setembro de 2010, dedicadas ao tema «Património: Um Mapa da História», para lançar a edição sobre o projecto desenvolvido pelo Museu das Comunicações, no ano de 2009, em parceria com diversas instituições actantes no território em que o museu se insere.

O objectivo destas jornadas, coordenadas em Portugal pelo IGESPAR, foi sensibilizar a população para a importância da protecção e da valorização do património, através do reforço da relação entre os sítios patrimoniais e os acontecimentos históricos, para a aproximação

física e emocional do público aos lugares, incentivando-os a conhecer e explorar o mapa da História.

O projecto «Do Museu ao Bairro» não poderia identificar-se mais com o tema proposto pelo IGESPAR para o ano em curso, razão pela qual se escolheu o lançamento da publicação para a data daquelas jornadas. A edição faz o balanço de um projecto de valorização do património, que teve o contributo de muitas pessoas e algumas instituições, através da pena de diferentes autores que constituíram parceiros activos do mesmo.

## Balanço final

Enquanto responsável pelo Museu das Comunicações e coordenadora deste projecto, procurei contribuir para o reforço da identidade do museu e da sua missão social, no contexto da Fundação Portuguesa das Comunicações a que pertence.

Parece-me que estes princípios estão expressos com clareza por Lilliana Pina<sup>3</sup> – museóloga e colaboradora do Museu das Comunicações no conceito da exposição e do projecto – quando afirmou que este constituiu uma acção plena de actualidade e pertinência, atentos os modernos desafios: «... A unicidade presente na identidade do bairro e das suas gentes veio reconfigurar todo o espaço expositivo, uma vez que este só completava o seu ciclo conceptual com o contributo da apropriação do mesmo pela comunidade. Ver o espaço expositivo como um espaço de diálogo e confrontação de identidades e discursos é estar atento às necessidades e expectativas no trabalho com o outro, respeitar a missão da nossa instituição e as identidades dos actores com os quais interagimos...»

Um contributo para o balanço positivo desta acção pode ainda ser apreciado na opinião mais isenta de Cláudia Jorge Freire<sup>4</sup> – técnica superior do IMC/Rede Portuguesa de Museus – que avaliou a acção no artigo «Um projecto que ganhou vida própria»: «No que respeita

Exemplos de passeios realizados

### 18 de Maio de 2009

10.00h – Visita à exposição «Do Museu ao Bairro: Histórias de Viantes»;

10.30h – Partida do Museu das Comunicações:

*Largo Vitorino Damásio, Igreja de Santos-o-Velho, Rua São João da Mata, Rua do Guarda-Mor, Rua das Trinas, Rua Vicente Borga, Rua das Madres, Rua da Esperança, Convento das Bernardas, Travessa do Pasteleiro, Largo da Esperança, final da visita junto ao Chafariz da Esperança.*

### dia 17 de Abril de 2010:

10.00h – Visualização do documentário;

10.30h – Partida do Museu das Comunicações:

*Avenida D. Carlos, Largo da Esperança, Chafariz da Esperança, Travessa do Pasteleiro, Lavadouro, Rua do Quelhas, ISEG – Convento das Inglesinhas, Rua Vicente Borga, Rua da Esperança, Casa Gago Coutinho, Convento dos Marianos, Fábrica Constância, final da visita no adro da Igreja de Santos-o-Velho.*





- <sup>1</sup> MOUTINHO, Mário, «Sobre o conceito de museologia social», in *Cadernos de Museologia*, Nº 1 – 1993, 7.
- <sup>2</sup> PRIMO, Judite, *O Museólogo Educador Frente aos Desafios Económicos e Sociais da Actualidade*, Jornadas sobre o Património Local, Santiago do Cacém, 2003 (Conferência) AAVV – Enciclopédia Fundamental Verbo, Lisboa, Verbo, 1982.
- <sup>3</sup> PINA, Liliana, «Uma exposição enquanto espaço de diálogo e confronto – a Madragoa», in *Do Museu ao Bairro: Histórias de Viajantes*, edição Fundação Portuguesa das Comunicações, Lisboa, 2010.
- <sup>4</sup> FREIRE, Cláudia, «Um projecto que ganhou vida própria» in *Do Museu ao Bairro: Histórias de Viajantes*, edição Fundação Portuguesa das Comunicações, Lisboa, 2010.
- AAVV, *Festas de Lisboa*, Lisboa: livros Horizonte, 1990.
- AAVV, *Gual, Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*, Lisboa: Ass. Arq. Portugueses, 1987.
- ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*, Livro VII, Lisboa: Vega, 1993.
- AYRES, Christovam, *Manuel da Maya e os engenheiros militares portugueses*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1910.
- BRITO, Joaquim Pais de, Dir., *Fado, Vozes e Sombras*, Lisboa: Electa, 1994.
- CAEIRO, Baltazar Matos, *Os Conventos de Lisboa*: Sacavém, 1989.
- CARVALHO, João Cândido de (Padre Rabecão), *Os Mistérios do Limoeiro*, Lisboa: Comp. Nac. Editora, 1891.
- CARVALHO, José Silva, *A intervenção no Convento das Bernardas no contexto da reabilitação do tecido pré-pombalino da Madragoa*, Viana do Castelo, III Encontro de Municípios com Centro Histórico, 1995.
- CARVALHO, José Silva, *A freguesia da Lapa e a evolução do seu património edificado*, Lisboa: Atrium/J. F. Lapa (ed. Policop), 1989.
- CARVALHO, José Silva, Dir., *Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Madragoa*, Lisboa: C. M. L., 1996.
- CARVALHO, Pinto de (Tinop), *História do Fado*, Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- CARVALHO, Ruben de, *As Músicas do Fado*, Porto: Campo das Letras, 1994.
- CASTELO BRANCO, Fernando, *Lisboa Seiscentista*, Lisboa: C. M. L., 1956.
- CASTILHO, Júlio de, *A Ribeira de Lisboa*: Lisboa: C. M. L., 1968.
- CASATILHO: Júlio de, *Lisboa Antiga, Bairros Orientais*, Lisboa: C. M. L., 1935.
- CASTRO, Zília Osório de, Dir., *Lisboa 1821 – A Cidade e os Políticos*, Lisboa: Livros Horizonte, 1996.
- FERREIRA, Fátima Cordeiro G. e MAIA, Maria Augusta Adrego, *José Luiz Monteiro na Arquitectura da transição do século*, Lisboa: Ass. Arq. Portugueses, 1990.

- FRANÇA, José-Augusto, *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa: Bertrand, 1987.
- GÓIS, Damião de, *Descrição da Cidade de Lisboa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- MATOS, José Sarmiento de, *Uma Casa na Lapa*, Lisboa: Quetzal, 1994.
- MOITA, Irisalva, Dir., *Lisboa Quinhentista*, Lisboa: C. M. L., 1983.
- MOITA, Irisalva, Dir., *O Livro de Lisboa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1994.
- OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de, *Lisboa em 1551*, Sumário, Lisboa: Livros Horizonte, 1987.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando e PEREIRA, Benjamim, *Construções Primitivas em Portugal*, Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1969.
- OSBERNO, *Conquista de Lisboa aos Mouros*, Lisboa: Livros Horizonte, 1989.
- REIS, António, Dir., *Portugal Contemporâneo*, Lisboa: Pub. Alfa, 1996.
- RIBEIRO, Isabel, CUSTÓDIO, Jorge e SANTOS, Luísa, *Arqueologia industrial do bairro de Alcântara*, Lisboa: Comp. Carris de Ferro de Lisboa, 1981.
- RIBEIRO, M. Félix, *Os mais antigos cinemas de Lisboa (1896-1939)*, Lisboa: Instituto Português de Cinema, 1978.
- SÁ, Victor de, *Lisboa no Liberalismo*, Lisboa: Livros Horizonte, 1992.
- SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo, Dir., *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa: C. Quintas & Associados, 1994.
- SANTANA, Francisco, *Lisboa na 2ª metade do século XVIII, Plantas e descrições das suas freguesias*, Lisboa: C. M. L., s. d.
- SEQUEIRA, Gustavo Matos, Dir., *Lisboa, Oito Séculos de História*, Lisboa: C. M. L., 1947.
- SOARES, Luís Bruno, Dir., *Plano Director da Cidade de Lisboa*, Lisboa: C.M.L., 1994.
- SILVA, Augusto Vieira da, *Dispersos*, Lisboa: Bibl. Est. Olisiponenses, 1968.
- SOUSA, Arlindo de, *Origem de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1909.
- SOUSA, Francisco Luís Pereira de, *Efeitos do Terremoto de 1755 nas construções de Lisboa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1909.
- SOUSA, J. M. Cordeiro de, *Colectânea Olisiponense*, Lisboa: C. M. L., 1953.
- SUCENA, Eduardo, *Lisboa: o Fado e os Fadistas*, Lisboa: Vega, 1992.
- TAÍNHA, Manuel, *Arquitectura em Questão*, Lisboa: A. E. F. A./U. T. L., 1994.
- VASCONCELOS, Carolina Michaelis de, *A Infanta D. Maria de Portugal e as suas Damas*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1994.
- VASCONCELOS; Luís Mendes de, *Do Sítio de Lisboa*: Diálogos, Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

a este projecto, importa ainda referir a sua menção nas Jornadas do ICOM Portugal, organizadas no dia 29 de Março de 2010, sob o título «Museu e Harmonia Social», o tema proposto pelo ICOM Internacional para a celebração do Dia Internacional dos Museus deste ano. Clara Camacho, coordenadora da Rede Portuguesa de Museus, preferiu uma comunicação intitulada «Os Museus como Agentes de Coesão Social – Experiências e Reflexões na Rede Portuguesa de Museus», na qual destacou o projecto «Do Museu ao Bairro», salientando a acção social dos museus implicados através do mote «Vizinhos e amigos», tendo em conta a sua ligação à comunidade envolvente.

O projecto «Do Museu ao Bairro» merece destaque no panorama museológico do País pelo seu papel de integração social, pelo trabalho em parceria entre diversas entidades e populações locais, pelo envolvimento e interesse que tem suscitado e pela sua persistência e continuidade no tempo. A par de outras entidades, são três os museus envolvidos que cumprem, deste modo, a sua missão social, aproximando-se do território e das comunidades em que se inserem, contribuindo para valorizar a identidade sociocultural de um bairro da cidade de Lisboa, a Madragoa...».